



Evitar o phenomeno-
espirita, desviar a atten-
ção a que elle tem direito
é desprezar a verdade.

VICTOR HUGO.

O GUIA

Todo o effeito Intel-
ligente tem uma causa
intelligente.

ALLAN KARDEK.

ORGÃO DO ESPIRITISMO EM PERNAMBUCO
PUBLICAÇÃO MENSAL



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 48000

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á Travessa da Ma-
dre de Deus, n. 7.

Accepta-se qualquer collabo-
ração dentro do nosso program-
ma.

O CÉO

A palavra *céo* emprega-se,
em geral, para designar o espa-
ço indefinido que circunda a
terra, e mais particularmente a
parte que está acima de nosso
horizonte; vem ella do latim
coelum, formada do grego *coilos*,
concauo, porque o céu parece
aos olhos uma immensa conca-
va pae. Os antigos acredita-
vão na existencia de muitos
céos superpostos, compostos de
materia solida transparente, for-
mando esferas concentricas,
tendo a terra por centro. Essas
esferas, volteando ao redor da
terra, arrastavão consigo os as-
tros que se achavão em seu cir-
cuito.

Esta idéa, que procedia da
insufficiencia dos conhecimen-
tos astronomicos, foi a de todas
as theogonias, que fizeram dos
céos, assim coordenados em es-
cala os diversos grãos de bem-
aventurança; o ultimo era a
morada da suprema felicidade.
Segundo a opinião mais com-
mum, havia sete céos: d'ahi pro-
cede a expressão: *Estar no se-
timo céu*, para exprimir felici-
dade perfeita.

Os mulsumanos admittem no-
ve, em cada um dos quaes aug-
menta-se a felicidade dos cren-
tes. O astronomo Ptoloméo
contava onze, denominando o
ultimo empyreo, por causa da
luz brilhante que n'elle reina.
E' este ainda hoje o nome poe-
tico dado ao lugar da gloria
eterna.

A theologia christã reconhe-
ce tres céos: o primeiro é o da
região do ar e das nuvens; o se-
gundo é o espaço onde se mo-
vem os astros; o terceiro, além
da região dos astros, é a morada
do Altissimo e habitação dos
escolhidos que contemplão Deus
em face. E' segundo esta cren-

ça que se diz que S. Paulo foi
alçado ao terceiro céu.

As diversas doutrinas relati-
vas á residencia dos bemaven-
turados repousão todas sobre o
duplo erro que a terra é o centro
do universo, e que a região dos
astros é limitada. E' além d'esse
limite imaginario que todas têm
colocado a residencia afortuna-
da e a morada do Todo Pode-
roso. Singular anomalia essa,
que colloca o Autor de todas as
 cousas, Aquelle que as governa
todas, nos confins da criação,
em vez do centro, d'onde a irra-
dição do seu pensamento podia
estender-se a tudo.

A sciencia, com a inexoravel
logica dos factos e da observa-
ção, levou o seu archote até as
profundezas do espaço, e mos-
trou a nullidade de todas essas
theorias. A terra não é mais o
pião (*pivot*) do universo, porém
um dos menores astros rolando
na immensidade; o sol mesmo
não é mais que o centro de um
turbilhão planetario; as estrel-
las são innumeraveis sóes, em
volta das quaes circulão mun-
dos innumeraveis, separados por
distancias apenas accessiveis ao
pensamento, ainda que nos pa-
reção tocar-se. N'este todo, re-
gido por leis eternas, nas quaes
se revelão a sabedoria e omni-
potencia do Creator, a terra
apenas apparece como um ponto
imperceptivel, e um dos menos
favorecidos para a habitabili-
dade. A' vista d'isto logo se
pergunta porque Deus faria
d'ella a séde unica da vida, e
n'ella degradaria, suas creatu-
ras predilectas? Tudo, pelo
contrario, annuncia que a vida
está em toda parte, que a huma-
nidade é infinita como o uni-
verso.

Revelando-nos a sciencia
mundos semelhantes á terra,
não podia tel-os creado Deus
sem um intuito; deve têl-os po-
voado de sêres capazes de os go-
vernar.

As idéas do homem estão na
razão do que elle sabe; como to-
das as descobertas importantes,
a da constituição dos mundos
deve ter-lhes imprimido outro
curso. Sob a influencia d'estes
conhecimentos novos, as cren-
ças devem ter-se modificado: o
céo foi deslocado; a região das
estrellas, sendo sem limites, não
lhe pôde mais servir. Onde está,
pois, elle? A esta questão todas
as religiões ficão mudas.

O Espiritismo vem resolver a
demonstrando o verdadeiro des-
tino do homem. Tomando-se
por ponto de partida a natureza
d'este ultimo, e os attributos de
Deus, chega-se á conclusão, isto
é, partindo do conhecido chega-
se ao desconhecido por uma de-
docção logica, sem fallar das
observações directas que o Es-
piritismo permite fazer.

O homem é composto do cor-
po e do Espirito; este é o ser
principal, sêr de razão, sêr in-
telligente; o corpo é o involto-
rio material que reveste tempo-
rariamente o Espirito para cum-
primento de sua missão na terra
e execução do trabalho necessa-
rio ao seu adiantamento. O
corpo, uma vez usado, destroe-
se, e o Espirito sobrevive á sua
destruição. Sem o Espirito, o
corpo não passa de uma materia
inerte, como um instrumento
privado do braço que o faz pô-
se em exercicio; sem o corpo, o
Espirito é tudo: a vida e a intel-
ligencia. Elle, deixando o cor-
po, volta para o mundo espiri-
tual, de onde houvera sahido
para incarnar-se.

Ha, pois, o *mundo corporal*,
composto dos Espiritos incar-
nados, e o *mundo espiritual*,
formado dos Espiritos desincar-
nados. Os sêres do mundo cor-
poral, pelo facto mesmo do seu
involtorio material, são fixados
na terra ou em outro qualquer
globo; o povo espiritual, ao con-
trario, está em toda parte, ao
redor de nós e no espaço; nem
um limite lhe é demarcado.

Em razão da natureza fluidica
do seu involtorio, os sêres que o
compõem, em vez de arrastarem-
se difficilmente no solo, trans-
põem as distancias com a rapi-
dez do pensamento. A morte
do corpo é a ruptura dos laços
que os retinhão captivos.

Os Espiritos são creados sim-
ples e ignorantes, mas com apti-
dão para tudo adquerir e para
progredir em virtude do seu li-
vre arbitrio. Pelo progresso
elles adquirem novos conheci-
mentos, novas faculdades, novas
percepções, e por conseguinte
novos gozos desconhecidos dos
Espiritos inferiores; elles vêm,
ouvem, sentem e comprehendem
o que os Espiritos atrasados não
podem ver, nem ouvir, sentir ou
comprender. *A felicidade está na razão do progresso reali-
zado, de sorte que, de dous Es-
piritos, um pôde não ser tão fe-*

*liz, como o outro, unicamente
porque não se adiantou tanto
intellectualmente e moralmente,
sem que tenham necessidade de
estar cada um em um lugar dis-
tincto.*

Posto que estejam ao lado um
do outro, pôde um estar nas tre-
vas, ao passo que em volta do
outro tudo é resplandescente,
absolutamente como acontece a
um cego e a um vidente que
dão-se as mãos; este tem a per-
cepção da luz, a qual nem uma
impressão causa ao seu vizinho.
*Sendo a felicidade dos Espiri-
tos inherente ás qualidades que
possuem, elles auferem-na em
toda parte onde a encontrão, na
superficie da terra, no meio dos
incarnados ou no espaço.*

Uma comparação vulgar fará
melhor comprehender esta si-
tuaçào. Se em um concerto se
acharem dous homens, um bom
musico de ouvido exercitado, e
outro sem conhecimento da mu-
sica e de pouco delicado ouvido,
o primeiro gozará uma sensação
de felicidade, ao passo que o se-
gundo será insensivel, porque
um comprehende e percebe
aquillo que nenhuma impressão
produz no outro. Assim aconte-
ce a todos os gozos dos Espi-
ritos, estão na razão da aptidão
para resentil-os. *O mundo es-
piritual tem por toda parte es-
plendores, harmonias e sensa-
ções que os Espiritos inferiores,
submettidos ainda á influencia
da materia, nem mesmo pôdem
entrever, e que só são accessiveis
aos Espiritos purificados.*

O progresso, nos Espiritos, é
o fructo de seu proprio traba-
lho; mas, como são livres, traba-
lham para o seu adiantamen-
to com mais ou menos activida-
de ou negligencia, segundo sua
vontade; e assim apressão ou
retardão o seu progresso, e por
consequente sua felicidade. Ao
passo que uns avançào rapida-
mente, outros jazem como pol-
trões por longos seculos nas fi-
leiras inferiores.

São elles, pois, os proprios
autores de sua situaçào, feliz ou
não, segundo suas obras! Todo
Espirito que fica na retaguarda
não pôde queixar-se senão de
si mesmo, do mesmo modo que
aquelle que avança tem todo o
merito d'esse avançamento; por
isso dá mais apreço á felicidade
que conquistou.

A felicidade suprema só pôde
ser partilha dos Espiritos per-

feitos, em outros termos, dos puros Espiritos. Não a conseguem senão depois de haver progredido em intelligencia e em moralidade. O progresso intellectual e o progresso moral raras vezes marchão a par; mas o que o Espirito não faz em um tempo dado, consegue-o em outro, de sorte que os dous progressos acabão por attingir o mesmo nivel. E' a razão por que vê-se muitas vezes homens intelligentes e instruidos muito pouco adiantados moralmente e vice-versa.

A incarnação é necessaria ao duplo progresso moral e intellectual do Espirito: ao progresso intellectual pela actividade que elle é obrigado a desenvolver no trabalho; ao moral pela necessidade que os homens têm uns dos outros. *A vida social é a pedra de toque das boas e más qualidades.* A bondade, a maldade, a doçura, a violencia, a benevolencia, a caridade, o egoismo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hypocrisia, em uma palavra, tudo que constitue o homem de bem ou o perverso, tem por movel, por alvo, e por estimulante as relações do homem com seus semelhantes; *para o homem que visse só não haveria nem vicios, nem virtudes; si, pelo isolamento, elle preserva-se do mal também annulla o bem.*

Uma só existencia corporal é manifestamente insufficiente para que o Espirito possa adquirir tudo o que lhe falta no bem, e desfazer-se de tudo que é máo n'elle. O selvagem, por exemplo, poderia jámais em uma só incarnação, attingir o nivel moral e intellectual do mais adiantado Europêo? E' materialmente impossivel. Deverá elle então ficar eternamente na ignorancia e na barbaria, privado das fruições, que só o desenvolvimento das faculdades póde proporcionar-lhe? O simples bom senso repelle tal hypothese, que seria ao mesmo tempo a negação da bondade e da justiça de Deus, e da lei natural de progresso. E' por isso que Deus, soberanamente bom e justo, concede ao Espirito do homem tantas existencias, quantas forem precisas para tocar á méta, ao alvo, que é a perfeição.

O Espirito traz para cada existencia nova o que elle havia adquirido nas precedentes em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em intelligencia e moralidade. Cada existencia é assim um passo avante no caminho do progresso.

A incarnação é inherente á inferioridade dos Espiritos; ella deixa de ser necessaria áquelles que lhe têm transposto o limite e que progridem no estado espirital, ou nas existencias corporeas dos mundos superiores,

as quaes nada tem da materialidade terrestre. Da parte d'estes, ella é voluntaria, com o fim de exercer sobre os incarnados uma acção mais directa para cumprimento da sua missão junto a estes. Então accetão por dedicação, as vicissitudes e sofrimentos da incarnação.

No intervallo das existencias corporeas o Espirito torna a entrar por tempo mais ou menos longo no mundo espirital, onde é feliz ou desgraçado, segundo o bem ou o mal que tenha feito. O estado espirital é o estado normal do Espirito, pois que deve ser seu estado definitivo, e que o corpo espirital não morra; o estado corporal é transitorio e passageiro. E' no estado espirital sobretudo que elle colhe os fructos do progresso effectuado pelo seu trabalho na incarnação; é então também que elle se prepara para novas luctas, e toma as resoluções que ha de se esforçar de pôr em pratica na sua volta á humanidade.

O Espirito progride igualmente na erraticidade; ahi adquire conhecimentos especiaes, que não poderia obter na terra; suas idéas lá se modificão. O estado corporal e o espirital são para elle a fonte de dous generos de progresso solidarios um do outro; eis o motivo pelo qual passa alternativamente por esses dous modos de existencia.

(Continúa.)

(Céo e Inferno.)

A literatura

A liberdade não consiste em fazermos o que nos aprouver; está sim nos cingirmos estritamente ao dever e em não consentirmos que outrem nos afaste delle. Desmandar-se o homem, romper por seus deveres de christão, invadir e apesinhar os direitos alheios, não é ser livre; é deseer na escala animal, é tornar-se um trambolho perigoso na sociedade, é nivelar-se aos criminosos.

A literatura vigente está desatando todos os laços que prendiam o homem ao dever. Ella insinua que o homem é um animal, e portanto deve apegar-se a seus instinctos animaes; divulga ser a abnegação uma parvoíce; inculca que os sacrificios a bem de nossos irmãos não vão além de ser privações estultas que nos impomos; que ao homem cabem todos os direitos e sobre as mulheres pesam todos os deveres.

Os pagãos não pré-gavam outra doutrina. Não tinham, porém, a guial-os a «Luz que veiu ao mundo». Eram renovos de troncos corruptos, estavam avizados a rebalçar-se nos lodaças, e lá lhes parecia que não lhes iria mal serem devassos como o

seu Jupiter, ferozes como o seu Mater, ladrões como o seu Mercurio ou lascivos como a sua Venus.

Os escriptores de agora não tem a exculpá-os nem o ambiente social, nem os costumes de seus passados, nem as doutrinas que receberam no lar domestico da bocca de seus paes.

São pregociros de immoralidades muito por seu querer; desdenham a vida ultra-terrena para se enganarem e cegarem, a effeito de mais soltamente se entregarem á luxuria; assoallham ser uma parvoíce a abnegação, para não dar nas vistas a sua avareza; reprovam os sacrificios a bem de seus irmãos, no proposito de cuchilarem sornamente nos postos lucrosos, apachorrentarem-se nas sinecuras, e esquecerem-se de que o homem deve servir os cargos que occupa e não, na phrase pereuciente do Padre Vieira, mentir, furtar e repartir.

A doutrina espirita ha de chamar os homens ao cumprimento de seus deveres, por asperos e penosos que sejam. Mostrando-lhes que nossos actos, palavras e pensamentos estão patentes áquelles que amamos, e que nos esperão no além vida, os homens cautelosos no pensar, no falar e no proceder; e em vez de offerrecer a seus irmãos livros que os mettam pelo caminho escorregadio da animalidade, hão de dar-lhes uma literatura que os leve á comprehensão do altissimo destino para que foram caeados.

PAULO VERO.

(A Verdade e Luz)

FACTOS ESPIRITAS

Formas de Espirito

Em uma carta que escrevi a esse jornal no começo de Fevereiro ultimo, fallei dos phenomenos de formas de espiritos que se tinham manifestado pela mediumidade de Mlle. Cook, e dizia: "Que aquelles que se inclinam a julgar duramente Mlle. Cook suspendam seu juizo até que eu apresente uma prova certa que, acredito, será sufficiente para resolver a questão."

"Presentemente Mlle. Cook se consagra exclusivamente á uma serie de sessões particulares ás quaes não assistem senão um ou dois de meus amigos e eu... vi o sufficiente para me convencer plenamente da sinceridade e da honestidade feitas de Mlle. Cook, e para me dar todo logar de crêr que as promessas que Katie me fez tão livremente serão cumpridas."

Nessa carta descrevi um incidente que em minha opinião,

era muito proprio para me convencer de que Katie e Mlle. Cook eram dois seres materiaes distinctos. Quando Katie estava fóra do gabinete, em pé, deante de mim ouvi um gemido vindo de Mlle. Cook que se achava no gabinete. Considero-me feliz por dizer que obtive "*a prova absoluta*" de que fellei na carta supra mencionada.

Por enquanto não me referirei a maior parte das provas que Katie me deu nas innumeras occasiões em que Mlle. Cook me favoreceu com sessões em minha casa, e não descreverei senão uma ou duas della que tiveram logar recentemente. Desde algum tempo eu fazia experiencias com uma lampada phosphorescente, que consistia em uma garrafa de 6 ou 8 onças contendo um pouco de oleo phosphorado, e que estava solidamente arrolhada. Eu tinha razões para esperar que, á luz dessa lampada, alguns dos mysteriosos phenomenos do gabinete podessem se tornar visiveis, e Katie também esperava obter o mesmo resultado.

A 12 de Março, durante uma sessão em minha casa, e depois de Katie ter andado entre nós, e de ter fallado durante algum tempo, retirou-se para traz da cortina que separava meu laboratorio, onde os assistentes estavam assentados, de minha bibliotheca que, temporariamente servia de gabinete. No fim de um momento, ella tornou a vir a cortina e me chamou dizendo: "*entre no quarto e levante a cabeça do meu medium: ella escorregou para o chão.*" Katie estava então em pé diante de mim, trajada com um vestido branco habitual e trazia seu turbante.

Immediatamente me dirigi a bibliotheca para levantar Mlle. Cook, e Katie deu alguns passos de lado para me deixar passar. Com effeito Mlle. Cook tinha escorregado em parte de cima da poltrona, e sua cabeça pendia em posição muito penosa. Tornei a pol-a na poltrona, e fazendo isso, tive, apesar da escuridão, a viva satisfação de verificar que Mlle. Cook não estava trajada com o vestuario de Katie mas que trazia sua vestimenta ordinaria de velludo preto, e se achava em uma profunda lethargia. Não havia decorrido mais de 3 segundos entre o momento em que vi Katie de vestido branco deante de mim, e o em que colloquei Mlle. Cook sobre a poltrona tirando-a da posição em que se achava.

Voltando ao meu posto de observação, Katie appareceu de novo e disse que pensava poder-se mostrar a mim ao mesmo tempo que seu medium. Abaixou-se o gaz e ella pediu-me a minha lampada phosphorescente. Depois de ter-se mostrado á sua claridade durante

alguns segundos, m'a restituiu dizendo: "Agora entre e venha ver meu medium." Segui-a de perto á minha bibliotheca e á claridade de minha lampada vi Mlle. Cook estendida sobre a poltrona exactamente como eu ali a tinha deixado; olhei em torno de mim para ver Katie mas ella tinha desaparecido. Chamei-a, mas não recebi resposta. Voltei ao meu logar; Katie tornou a apparecer logo, e me disse que todo tempo tinha estado em pé perto de Mlle. Cook; e perguntou então se ella propria não poderia ensaiar uma experiencia, e tomando de minhas mãos a lampada phosphorescente, passou para traz da cortina pedindo-me que não olhasse para o gabinete.

No fim de alguns minutos, me restituiu a lampada dizendo que não tinha podido sair-se bem, que havia esgotado todo o fluido do medium, mas que tornaria a experimentar em outra occasião. Meu filho mais velho um rapaz de 14 annos, que estava assentado em frente a mim em uma posição tal que podia vêr o que se passava por traz da cortina, me disse que tinha visto distinctamente a lampada phosphorescente parecendo fluctuar no espaço em cima de Mlle. Cook, e illuminando durante o tempo em que ella estava escondida sem movimento na poltrona, mas que não tinha podido vêr ninguem segurar na lampada.

Passo agora a sessão que teve logar hontem a noite em Hackney. Jamais Katie appareceu com uma tão grande perfeição; durante perto de duas horas ella passeiou no quarto, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Varias vezes tomou meu braço, andando, e a imprensa resentida por meu espirito era de uma mulher viva que se achava á meu lado, e não um visitante do outro mundo; essa impressão digo, foi tão forte, que a tentação de repetir uma nova e curiosa experiencia tornou-se quasi irresistivel.

Pensando pois, que não tinha um espirito perto de mim, mas sim uma senhora, pedi-lhe permissão de tomal-a nos meus braços, para poder verificar as interessantes observações que um experimentador ousado fiserá recentemente conhecer de uma maneira tão summaria. Essa permissão foi-me graciosamente dada, e por consequencia, utilizei-me d'ella convenientemente como todo homem bem educado o teria feito nessas circumstancias. M. Volekman ficará satisfeito ao saber que posso corroborar sua asserção que o "phantasma" (que, afinal, não fez nenhuma resistencia) era um ser tão material como a propria Mlle Cook. Mas a continuação mostrará quanto

um experimentador erra por mais cuidado que possa ter em suas observações, em aventurar-se a formular uma importante conclusão quando as provas não existem em quantidade sufficiente.

Katie disse então que essa vez julgava-se capaz de se mostrar ao mesmo tempo que Mlle. Cook. Abaixei o gaz e em seguida, com minha lampada phosphorescente penetrei no quarto que servia de gabinete.

Mas eu tinha pedido previamente a um dos meus amigos, que é habil stenographo, para uotar toda observação que eu podesse fazer em quanto estivesse no gabinete, porque eu conhecia a importancia que se liga as primeiras impressões, e não queria confiar á minha memoria mais do que fosse necessario: suas notas acham-se neste momento perante mim.

Entre no quarto com precaução: estava escuro, e foi pelo tacto que procurei Mlle. Cook; encontrei-a de cócaras no sua-lho.

Ajoelhei-me, deixei o ar entrar em minha lampada, e á sua claridade, vi esta moça vestida de velludo preto, como se achava no começo da sessão e tendo toda a apparencia de estar completamente insensivel. Não moveu-se quando eu tomei sua mão e conservei a lampada muito perto de seu rosto, mas continuou a respirar tranquilamente.

Elevando a lampada, olhei em torno de mim, e vi Katie que se achava em pé muito perto de Mlle. Cook e por traz della. Katie estava vestida com uma roupa branca fluctuante como já a tinhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos de Mlle. Cook na minha, e me ajoelhando ainda, e abaixei a lampada, tanto para alumiar a figura inteira de Katie como para plenamente me convencer de que eu via bem realmente a verdadeira Katie que tinha apertado nos meus braços alguns minutos antes, e não o phantasma de um cerebro doente. Ella não fallou, mas remecheu com a cabeça em signal de reconhecimento. Tres vezes examinei cuidadosamente Mlle. Cook de cócaras deante de mim, para ter certeza de que a mão que eu segurava era a de uma mulher viva, e tres vezes voltei minha lampada para Katie afim de a examinar com uma segura attenção até que eu não tivesse mais a menor duvida de que ella estava deante de mim. Por fim Mlle Cook fez um ligeiro movimento e immediatamente Katie fez signal para ir-me embora. Retirei-me para uma outra parte do gabinete e deixei então de ver Katie, mas só abandonei o quarto depois que Mlle. Cook se acordou e dois

dos assistentes entraram com a luz.

Antes de terminar este artigo, desejo fazer conhecer algumas differenças que observei entre Mlle. Cook e Katie. O parte de Katie era variavel: em minha casa a vi maior de 6 pollegadas do que Mlle. Cook. Hontem á noite, tendo os pés descalços e não se apoiando na ponta dos pés, ella era maior 4 pollegadas e meia do que Mlle. Cook e tinha o pescoço descoberto; a pelle era perfeita e macia ao tacto e á vista, enquanto que Mlle. Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em circumstancias semelhantes, se vê distinctamente e é aspera ao tacto. As orelhas de Katie não são furadas, enquanto que as de Mlle Cook trazem ordinariamente brincos. A cor de Katie é muito branca, enquanto que a de Mlle. Cook é muito morena. Os dedos de Katie são muito mais compridos do que os de Mlle. Cook, e seu rosto é tambem maior. Nas formas e maneiras de se exprimir ha tambem differenças a-signaladas.

A saude de Mlle. Cook não é assaz boa para lhe permittir dar, antes de algumas semanas, outras sessões experimentaes como essas, e em consequencia d'isso insistimos fortemente para que ella tomasse um repouso completo antes de recommear a campanha de experiencias de que por causa della dei uma exposição summaria, e, em um tempo proximo, espero que poderei fazer conhecer os resultados.

Solicitude!!!

(DICTADO POR T. GAUTIER A M^{re} C. B....)

— Pó les dar-mo o teu nome e dizer-mo on le moras?

Baluzian lo elle fez o que lhe fôra pedido. Depois, poz-se a tremere como se tivesse commettido uma acção má.

«Vae dizer ao teu Pedrinho — disse a moça — que o Natal não ha de esquecer-se delle; e, em quanto não lhe dá mais lava-lhe tu este boneco tão sonhado.»

E com um modo donairoso estendeu o prezioso embrulho ao desesperado pae. Este enzonhou-se um instante, arrebatou depois o boneco das mãos da moça e, tremendo-o ao peito como si fosse um thesouro, fugiu correndo.

Na mansarda, dorme o Pedrinho; a mãe, ajoelhada á beira delle, reza e chora. Nova angustia junta-se ás passadas angustias: o seu homem não reapareceu desde a manha.

Por on le andaria? Que teria feito? Meu Deus!... ter-

lhe-ia o desespero aconselhado alguma acção má? Si se tivesse matado... si não voltasse mais... que seria do Pedrinho?... Nestes entremeio resoam passos na escada carunchosa, abre-se a porta, e a pobre mãe cae nos braços do marido:

«Meu João, bem hajás!

—Aqui estou; olha, olha esta teteia; é para elle, é o boneco do pequeno!

«Mas, que tens? meio envergonhado!... Que fizeste?

Como gesto rapido elle desfaz o embrulho, e á palida luz de uma lamparina brilha o brinquedo.

—Vê quanto o nosso Pedrinho vae ficar satisfeito; e tu, estás alegre?

Ella, porém, grave e severa:

» Não tens dinheiro... como apanhaste isso, João?

—Para que saes com essas palavras, mulher? Acaso me julgas um larapio? Não, cara mulher, nem mesmo por Pedrinho eu commetteria tão feio crime! Ha algumas almas generosas, e uma dellas deu-me este mimo para nosso pobre filho.

Que alegre vae elle estar!

E de vagar depõe na camilha o roscó boneco.

Horas além, uma pancada na porta os sobresaltou.

«Entre! — disseram juntos.

Abriu-se a porta e por ella entrou uma mulher envolta em manto amplo. Com graciosó momeio repelle o capuz que lhe cobria a cabeça, e João reconhece logo a mulher que havia pouco se apiedara delle.

«Aqui me tens, sou o Natal — disse sorrindo —; o Pedrinho ficou contente com o mimo?

— Está dormindo — disse a mãe voltando-se para o doente.

Pedrinho tinha, porém os olhos bem abertos, e o olhar ia-lhe do boneco á moça.

— Esta é Natal mamão; eu bem sabia que elle havia de vir.

A moça approxinou-se do menino, e beijou-o na testa.

«Tiveste confiança, Pedrinho, e Deus te recompensará; elle nunca desampara os que nelle esperam.

Depois voltada para João e sua mulher, disse-lhes:

«Sempre vos lembre, em vossas mais cruéis angustias, que Deus está perto de vós e vos ampara quando o implorais.

Nunca murmurais nas afflicções; a ceite e corajosamente as provações da vida, são para vós uma necessidade; por ellas se depura vossa alma e ir-se-á deslaçando da materia. Vossa vida é eterna e não se limita a estes poucos dias que ides passando na terra; já exististes antes, e talvez commettistes em vidas antecedentes muitas faltas de que esta vossa vida, tecida de miseria e dores, é a justa punição. Aceitae-a, pois, com coragem, e curvae-vos sob a mão

de Deus, que castiga sómente porque ama. Não o accuseis do mal, vós sois os culpados, vós sois que preparaes vosso futuro bom ou mau, venturoso ou desgraçado.

« Tendo saído de Deus, nossa alma ha de voltar para elle, depois de haver subido por todos os degraus da perfeição; de existencia em existencia ella ascende; va-se depurando e progredindo, e a morte não passa de ser um momento de repouso que lhe é dado para se reasumir e medir o caminho percorrido e o que lhe resta percorrer antes de chegar ao termo.

« Deus nos poz no coração um desejo de felicidade que não póde ser satisfeito na terra; levanta, pois, os olhos aquellas regiões de paz, aonde haveis de ir um dia e, seja qual fór a condição que Deus vos deparou, bemdizei-o e submettei-vos á sua vontade. Elle uniu vossos dois destinos afim de que o vosso Pedrinho tenha protectores e guias que o preparem para as luctas da vida: dae-lhe exemplos de coragem e sacrificio, ensinac-lhe o amor de Deus; fazei-lhe comprehender que a vida é uma provação querida por Deus, afim de que sua alma se purifique. Ide avante direitos e firmes sob o estandarte do Christo, que veiu a vós para vos mostrár o caminho da verdadeira felicidade. Tomara eu que este anniversario do nascimento de Jesus seja para vós o dia de vosso nascimento para uma vida mais resignada e para as novas idéas que vos vim ensinar.

A' maneira que falava ia-se transfigurando a moça; o rosto tornara-se brilhante como o sol, e suas vestes brancas como a neve.

— Mas, dizei-nos: quem sois? — balbucion João fóra de si.

« Sou um enviado de Deus, sou vosso protector e guia o anjo da guarda de vosso lar. Venho do mundo invisivel e para lá volto, tendo acabado a missão que Deus me confiara.

E lentamente a visão se foi esvaccendo. Na mansarda remanesceu uma luz radiosa, e no coração de João e de sua mulher poisaram a coragem e energia e a confiança em Deus.

THEOPH. GAUTHIER.
(*Le Spiritisme Moderne*)

O QUE É O ESPIRITISMO

Allan Kardec
PRIMEIRA PARTE
2.º Dialogo
O SCEPTO

FALSAS EXPLICAÇÕES DOS
PHENOMENOS
(Continuação)

V.—E' contra os phenomenos provocados que principalmente a critica se levanta.

Ponhamos de lado toda supposição de charlatanismo, e admittamos a mais completa boa fé: não será possível que os mediums sejam o ludibrio de uma allucinação?

A. K.—Ignoro que já claramente se tenha explicado o mechanismo da allucinação.

Como querem definil-a ella não deixa de ser um effeito muito singular e assaz digno de estudo.

E' pena, porém, que aquelles que por ella pretendem dar contra os phenomenos spiritas, não possam antes explicar a sua explicação.

Ha, além disso, factos que escapam a essa hypothese: quando uma mesa ou outro objecto se move, se ergue, bate; quando ella, á vontade, passeia por uma camara, sem que alguma pessoa lhe toque; sem ponto algum de apoio; enfim, quando ella, ao cahir, se desepdaça; tudo isso não póde ser o effeito de uma allucinação.

Suppondo que o medium, por um producto de sua imaginação, creia ver o que não existe, será admissivel que todos os presentes sejam, ao mesmo tempo, victimas da mesma vertigem; quando o mesmo facto se reproduz por toda a parte, em todos os paizes?

A ser assim, essa allucinação era um maior prodigio que o proprio facto.

V.—Admittindo a realidade do phenomeno das mesas que giram e fallam, não será mais racional attribuil-o á acção de um fluido qualquer, do magnetismo, por exemplo?

A. K.—Tal foi o primeiro pensamento, e eu o tive como outros muitos.

Se tudo se limitasse a esses effeitos materiaes, não ha duvida que poderiam ser explicados; porém quando esses movimentos e esses golpes nos deram provas de intelligencia; quando se reconheceu que elles respondiam ao pensamento com inteira liberdade, foi-se conduzindo a tirar a seguinte conclusão:

« Se todo effeito tem uma causa, o effeito intelligente presuppõe uma causa intelligente. »

Poderão taes phenomenos ser produzidos por um fluido, a menos que se creia esse fluido dotado de intelligencia?

Quando vedes os braços do telegrapho fazer signaes transmittindo o pensamento, bem comprehendéis que esses braços de ferro ou de madeira não são intelligentes, mas que é uma intelligencia quem os faz mover.

Dá-se o mesmo com as mesas a que nos referinos.

Dão-se, sim ou não, effeitos intelligentes.

Esta é a questão.

Os que contestam são pessoas que nada viram ainda, e se apressam de concluir, segundo suas idéas particulares e baseados, quando muito, em uma observação superficial.

V.—Póde-se responder que, se ha um effeito intelligente, este póde ser um reflexo da intelligencia, seja do medium, seja de quem interroga, seja mesmo dos assistentes; porque, dizem, a resposta recebida estava sempre no pensamento de alguém.

A. K.—E' ainda um erro, filho da falta de observação.

Se os que assim pensam, se tivessem dado ao trabalho de estudar o phenomeno em todas as suas phases, não deixariam de reconhecer, a cada passo, a independencia absoluta da intelligencia que se manifesta.

Como conciliar essa these com as respostas obtidas, tão fóra do alcance intellectual e da instrucção do medium? respostas que vão de encontro a suas idéas, seus desejos, suas opiniões, ou que derrotam completamente as previsões dos assistentes? quando os mediums escrevem em uma lingua que elles não conhecem, ou na sua propria, quando não sabem ler nem escrever? A' primeira vista, esta opinião nada tem de irracional, convenho, mais ella é desmentida por uma tal massa de factos e tão concludentes, que a duvida a respeito não é mais possível. Além disso, mesmo admittendo-se essa theoria, o phenomeno, longe de ser simplificado seria muito mais prodigioso.

Pois que! O pensamento se poderá reflectir sobre uma superficie, como a luz, o som, o calorico?

Em verdade, havia n'isto um motivo para exercer a sagacidade da sciencia.

E depois ainda o maravilhoso seria maior, porque, achando-se presentes vinte pessoas, é o pensamento desta ou d'aquella que é reflectido, e não o desta outra ou d'aquella outra? Tal systema é insustentavel.

E' realmente curioso ver-se os contradictores empenharem-se na busca de causas, com vezes mais extraordinarias e de difficil comprehensão do que aquelles que lhes são.

V.—Não será admissivel, segundo querem alguns, que o medium se ache em um estado de crise e goze de uma lucidez, que lhe dá a percepção somnambulica, uma sorte de dupla vista; o que nos póde explicar a extensão momentanea de suas faculdades intellectuaes; porque, dizem, as communicações obtidas pelos mediums não vão além do alcance das que nos dão os somnambulos?

A. K.—E' ainda um desses

systemas que não resistem a um exame aprofundado.

O medium nem se acha em crise nem dorme, mas está perfeitamente despertado, obrando pensando como os outros, sem na lo apresentar de extraordinario.

Certos effeitos particulares deram lugar a essa supposição; todos aquelles, porem, que não se limitam a julgar as cousas pela vista de uma só face, reconhecerão sem difficuldade que o medium é dotado de uma faculdade particular, que não permite confundil-o com um somnambulo, e a independencia des eu pensamento é demonstrada por factos de maior evidencia.

Abstrahindo das communicações escriptas, qual é o somnambulo que fez alguma vez sahir um pensamento de um corpo inerte? qual delles poude produzir appareções visiveis e, mesmo, tangiveis? qual fazer que um corpo pesado se mantivesse suspenso no ar, sem um ponto de apoio?

Será por effeito somnambulico que um medium desenhou, um dia, em minha casa e na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem, morta havia dezoito mezes e a quem elle não tinha conhecido, retrato reconhecido pelo proprio pai da jovem, presente erão á sessão?

Será por um effeito do mesmo genero que uma mesa responde com precisão ás questões propostas, mesmo feitas mentalmente? Certamente, se admittirmos que o medium se ache em um estado magnetico, me parece difficil erer que a mesa seja somnambula.

Dizem ainda que os mediums só fallam com clareza d'aquillo que é conhecido.

Como explicar o facto seguinte e cem outros da mesma especie?—Um dos meus amigos, muito bom medium escrevente, perguntou a um Espirito se uma pessoa, que elle tinha perdido de vista, havia quinze annos, era ainda deste mundo.

« Sim, ella ainda vive, lhe foi respondido; mora em Pariz, tal rua, tal numero. »

Elle foi e encontrou a pessoa no lugar indicado.

Seria isso uma illusão?

Seu pensamento poderia suggerir-lhe tal resposta, quando por causa da idade da pessoa por quem elle perguntava, havia toda a probabilidade della não existir mais?

Se, em certos casos, tem-se visto as respostas combinar com o pensamento do que pergunta, será racional concluir-se que isso seja uma lei geral?

(Continúa).

Atelier Miranda